

político derechos sexuales y reproductivos ciudadanía joven lo personal es político derechos sexuales y reproductivos  
manos ciudadanía libertad sexual diversidad cuerpos derechos humanos feminismo género mujeres políticas públicas  
género mujeres políticas públicas derechos humanos feminismo género mujeres políticas públicas  
diversidad cuerpos lo personal es político mujeres género públicos jóvenes diversidad cuerpos lo personal es  
libertad sexual feminismo jóvenes políticas públicas diversidad libertad sexual feminismo jóvenes  
sexuales y reproductivos diversidad cuerpos derechos humanos derechos sexuales y reproductivos diversidad

En contraposición a las debilidades, el movimiento feminista hondureño presenta fortalezas que se dan tanto al interior como fuera del movimiento.

Como marco general de ideas, las entrevistadas coinciden en hacer una valoración positiva del feminismo como agente garante de la lucha contra el orden patriarcal, y en contra de las discriminaciones y desigualdades que éste genera.

*“Honduras sería un poco más patriarcal si no fuera por el movimiento”*  
(Leonor)

El movimiento feminista en Honduras es un movimiento joven y emergente, que aunque no cuenta con una larga trayectoria, ha realizado grandes aportes en distintos niveles y en temas históricamente invisibilizados en el país. Se subraya el impulso promovido por el movimiento feminista en los cambios legislativos, o las distintas acciones y campañas de incidencia política llevadas a cabo.

*“Somos un movimiento naciente, más bien organizaciones nacientes”*  
*“Ningún movimiento lucha por la educación sexual, el feminismo sí”*  
(Gery, Cynthia)

A pesar de todas las críticas vertidas al movimiento feminista, una de las distintas visiones, refleja el carácter particular y diferenciado del movimiento feminista hondureño con respecto al resto de los movimientos sociales. La sociedad civil y los movimientos sociales aparecen catalogados como “corruptos” y al servicio del gobierno. Ese rasgo diferencial hace que el movimiento y sus agendas ocupen un lugar secundario.

Las feministas jóvenes identifican un legado de herencias políticas nocivas transmitidas a través de sus organizaciones, y que han perjudicado y siguen perjudicando al movimiento feminista en su conjunto. En este sentido, algunas entrevistadas hacen un llamamiento para trabajar en ellas, y realizar un balance sobre las lecciones aprendidas.

Uno de los fenómenos positivos presente en la dinámica y en el funcionamiento del movimiento, es precisamente, su capacidad de convocatoria. Las disputas personales e ideológicas, las discrepancias y conflictos, quedan a un lado cuando es necesaria la movilización ante un hecho o momento decisivo.

De un modo general, las entrevistadas muestran visos de optimismo ante el futuro del movimiento. Alguna hasta pronostica la creación de un partido feminista hondureño ♦

1 Se parte de la idea de que no existe un movimiento feminista homogéneo ni un único pensamiento feminista. No obstante, se hace un uso semántico del singular el cual engloba toda la diversidad de acepciones que contemplan estos términos y conceptos.

2 Se habla de “feministas jóvenes hondureñas” o de “jóvenes feministas hondureñas” indistintamente. Se asume la variable etárea, y en concreto, al feminismo joven como una categoría de análisis a pesar de que no existe un consenso teórico al respecto.

# Reflexões sobre a participação juvenil no feminismo

Julia Zanetti  
30 años - Brasil  
MENCIÓN

O presente ensaio se propõe a refletir sobre a participação das jovens no feminismo atual e como se estabelecem relações entre essas e as feministas adultas. Cabe esclarecer que ele insere-se no contexto de uma investigação mais ampla (pesquisa de mestrado), que busca compreender como se constitui a identidade de “jovem feminista” e analisar sua inserção contemporânea no movimento feminista que atua na Região Metropolitana do Rio de Janeiro - Brasil. Portanto, as informações aqui contidas baseiam-se nas observações e entrevistas com quatro jovens militantes e referem-se basicamente à realidade dessa localidade, mas possivelmente apresentam semelhanças com as experiências de outras cidades da América Latina.

Ao longo de sua história o feminismo contou com a participação de inúmeras jovens, mas só muito recentemente a identidade “jovem feminista” começou a ser reivindicada dentro do movimento. Dentre os episódios evidenciam isso, um exemplo emblemático foi a presença e participação das jovens feministas no 100 Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe (100 EFLAC), ocorrido em outubro de 2005, no Brasil, onde 25% das participantes tinha menos de 30 anos e o tema juventude teve considerável destaque. Esse Encontro foi uma oportunidade de diálogo entre as jovens, principalmente no Fórum de Mulheres Jovens Feministas, que, por sua vez, impulsionou a criação de uma atividade chamada Diálogo Intergeneracional, que não estava prevista.

No entanto, isso não significa que a inserção dessa nova geração de jovens esteja resolvida. Para além das reivindicações externas ao movimento, que de modo geral são bastante semelhantes àquelas das adultas, fazendo apenas um recorte geracional, algumas questões internas também parecem demandar mais atenção. Por exemplo, ainda no 100 EFLAC, uma das demandas das jovens era um feminismo menos hierárquico e adultocêntrico, que possibilitasse o acesso das jovens também aos seus espaços de poder e decisão.

lo personal es político derechos sexuales y reproductivos ciudadanía joven lo personal es político derechos sexuales y reproductivos  
derechos humanos ciudadanía libertad sexual diversidad cuerpos derechos humanos feminismo género mujeres políticas públicas  
feminismo género mujeres políticas públicas derechos humanos feminismo género mujeres políticas públicas jóvenes diversidad cuerpos  
públicas jóvenes diversidad cuerpos lo personal es político mujeres género públicos jóvenes diversidad cuerpos  
diversidad libertad sexual feminismo jóvenes políticas públicas diversidad libertad sexual f  
derechos sexuales y reproductivos diversidad cuerpos derechos humanos derechos sexuales y reproductivos





Um exemplo significativo de mobilização juvenil recente foi a grande quantidade de jovens que participaram das diferentes edições do Fórum Social Mundial, realizadas em Porto Alegre/RS.

Por outro lado, apesar das jovens de hoje reconhecerem que muitos dos direitos que gozam atualmente são frutos da luta das feministas em outras décadas, também parecem não ter se interessado pelo movimento. Pode ter contribuído para isto a falsa idéia prevaletente na sociedade brasileira de que os direitos das mulheres foram todos conquistados por ocasião da Constituição de 1988, tornando-se, dessa forma, desnecessária a continuidade do movimento.

Outra possibilidade é que as jovens tenham acreditado nas representações vigentes no senso comum, que apresentam o feminismo como “o machismo ao contrário”, isto é, um movimento que pretende que as mulheres sejam as opressoras dos homens ou de mulheres que querem ser homens e não uma luta por equidade de direitos; ou então, como um movimento formado por mulheres mal-amadas, histéricas, feias e/ou lésbicas, características às quais elas não querem ser associadas.

Além das entrevistas realizadas confirmarem essa última possibilidade, Souza (2006) constata esse estigma junto às jovens do Melanina, um grupo de hip hop do Rio de Janeiro, que fazem questão de se afirmar femininas e não feministas, pois não querem ser vistas como um grupo de mulheres que discrimina ou que não gosta de homens.

Essas representações sobre o feminismo e suas militantes, compartilhadas não só pelas jovens, mas também por boa parte da população, foi construída ao longo da história, com participação de vários setores da sociedade, inclusive de alguns considerados progressistas. Um exemplo disto é O Pasquim, jornal alternativo publicado a partir de 1969, que teve seu auge na metade dos anos 1970. Segundo SOIHET (2005), apesar de inspirado na contra-cultura norte-americana e voltado para o combate ao autoritarismo nacional, inúmeras vezes esse impresso assumiu postura misógina, ridicularizando feministas e desqualificando suas reivindicações.

Outro exemplo mais recente de como essas representações do feminismo se apresentam é a identificação, pela grande mídia brasileira, de Tati Quebra Barraco – cantora de funk – como feminista por cantar músicas do tipo Tapinha Nada, que traz versos como “Tapinha nada, nu meu homi eu dou porrada”. (FERNANDES E GRANATO, 2007). Nesse caso, reforçando a idéia de feminismo como “machismo ao contrário”, como se a proposta fosse que as mulheres deixassem de apanhar para passar a bater nos homens.

A partir dos últimos anos da década de 1990, percebe-se a aproximação de algumas jovens mulheres às várias correntes do feminismo. O que talvez tenha sido motivado pela constatação de que, na prática, muitos dos direitos garantidos na lei não se concretizaram de fato para grande parte das mulheres, basta ver os índices atuais de empobrecimento feminino, violência contra mulher, desigualdade de remuneração no mercado de trabalho, pouca representação política, entre outros.

Essa reaproximação da juventude ao movimento feminista que vem ocorrendo torna-se ainda mais relevante se considerarmos que, apesar dos avanços fundamentais obtidos pelo feminismo nos campos jurídico e político formal, o movimento parece não ter sido capaz de promover mudanças suficientes no que se refere às relações de gênero entre jovens e políticas educacionais que colaborem para questionar as representações sociais tradicionais sobre as mulheres (CASTRO, 2004). Por exemplo, a observação sobre os dados quantitativos e qualitativos sobre saúde reprodutiva (gravidez, aborto, uso de métodos contraceptivos, etc), ou violência sexista junto às jovens permite verificar que as relações desiguais de gênero ainda as coloca em lugar de submissão aos interesses e desejos dos homens. Ou seja, as conquistas históricas do feminismo em relação ao próprio corpo e aos direitos sexuais e direitos reprodutivos não estão sendo plenamente incorporados e usufruídos pelas novas gerações, o que indica também uma ausência de ações do movimento voltadas para esse público.

## Uma nova múltipla identidade

Bourdieu (2004: 204) afirma que os(as) jovens são “aqueles que chegam ao campo sem capital”, ou, de outra forma, sem os atributos valorizados pela maioria dos grupos. No feminismo não é diferente. As jovens militantes não possuem uma longa vivência ou um profundo conhecimento do movimento, nem representam instituições ou têm títulos que as legitimem. E, mesmo que possuíssem, dificilmente seriam suficientes para disputar com aquelas que têm a experiência de décadas de militância. Assim, as relações de poder nesse campo são bastante desiguais, o que torna a inserção dessas jovens no movimento um desafio ainda maior.

A participação política das jovens tem se constituído em um grande desafio, pois elas não encontram muito espaço nem nos movimentos juvenis, nem no movimento feminista. No primeiro, é possível observar que muitas jovens acabaram ocupando o mesmo lugar que tradicionalmente as mulheres têm ocupado nas diferentes formas de organização social, ou seja, na base ou no trabalho operacional, distantes das instâncias de poder e de representação (ARAÚJO, 2001), situação que vem se alterando lentamente.

Já no movimento feminista, aquelas que se aproximaram ficaram por muito tempo à margem, pois mesmo que por vezes fossem percebidas como herdeiras do legado do movimento, em geral, eram vistas como inexperientes demais para serem escutadas, condição que só seria alterada pela ausência das “feministas históricas”.

Através da observação e das entrevistas realizadas, é possível perceber diferentes percepções acerca das relações intergeracionais no movimento feminista do Rio de Janeiro.

Entre as quatro jovens entrevistadas, com idades entre 22 e 28 anos, todas do Rio de Janeiro, apenas uma nega haver conflitos intergeracionais no movimento e a necessidade de coletivos de jovens feministas, além

de considerar um avanço da sua corrente dentro do movimento “ter reaglutinado todo mundo numa coisa só”, em oposição à fragmentação, afirmação das múltiplas identidades, ocorrida no movimento em épocas anteriores. Cabe registrar que essa última afirmação lembra o argumento utilizado pelos marxistas ortodoxos para não reconhecer o feminismo, que segundo eles fragmentava e enfraquecia a luta mais importante, ou seja, a luta de classes. Para essa mesma jovem, existe no feminismo uma relação de troca entre as gerações, onde “é importante a nossa participação, das mais jovens junto com as mais velhas, a troca e o que sai de resposta cultural através disso, em forma de manifestação, seja em esquete, seja em batucada.”

Nessa última afirmação encontramos um ponto de contato dessa com outras jovens entrevistadas, isto é, a percepção de que o papel destinado às jovens no feminismo é aquele de promover novas formas de expressão, de preferência animadas, coloridas e ousadas. Nesse caso poderíamos incluir a batucada, o estêncil, o lambe-lambe, as esquetes ou a pichação crítica, que denotam a reprodução de um estereótipo de juventude associado a festa, barulho e transgressão. A diferença entre a jovem acima citada e as outras entrevistadas é que as últimas são críticas a esse lugar que lhes é destinado, querem estar aí sim, mas também em outros espaços, como outra jovem explicita:

*“Quando a gente vai tentar fazer alguma coisa pra estar no espaço, pra você batucar, pra você colocar energia, pra você pular, beleza, é isso, as jovens são legais pra isso. Agora pra coordenar o ato, pra ter espaço no microfone, pra qualquer outra ação, que seja estar de frente, a gente vai sendo podada, mesmo quando você já está há muito tempo.”*

As falas dessas duas jovens entrevistadas faz lembrar Bourdieu (1983), segundo o qual os conflitos “são evitados durante o tempo em que os velhos conseguem regular o tempo de ascensão dos mais novos”. Ou seja, é possível que a primeira não identifique os conflitos intergeracionais por não vivê-los, uma vez que parece atuar, sem maiores questionamentos, dentro do limite que lhe foi dado pelas adultas, diferente da segunda, que não está satisfeita com esse lugar.

Questionada sobre como é ser jovem no movimento feminista, a segunda entrevistada responde:

*“Na verdade, tem duas questões. Se você é jovem e recém-chegada ou se você é jovem e já tá batida. A diferença começa por aí. Se você é jovem e recém-chegada, você é tirada, ‘ah, tá falando besteira’, não te dão muito ouvido, ‘mal chegou já está querendo cantar de galó’. E se você é jovem, mas está militando há muito tempo, você ainda recebe umas podadas, mas com mais sutilezas.”*

Essa afirmação, assim como a última parte da citação anterior, responde em parte a uma pergunta recorrente: o “problema” é ser jovem ou ser recém-chegada ao movimento? Pelas citações acima, poderia se dizer que a questão central é a idade e que o fator tempo de movimento tem implicação apenas na forma como os limites são colocados. Outro dado interessante

para essa reflexão é registrar que, pelas observações e conversas informais realizadas em virtude da pesquisa, é possível perceber que a maior parte das jovens, quando chegam ao feminismo, já têm um histórico de participação em outros espaços políticos, tais como movimento estudantil, partido político, movimento negro, pastoral de juventude, ONGs, entre outros, isto é, já não são mais tão inexperientes assim.

A terceira entrevistada apresenta outra experiência. Primeiro ela destaca que as pautas feministas não apresentavam um recorte geracional, para isso cita como exemplo documentos das conferências de direitos humanos e de políticas para mulheres. Depois reconhece sempre ter tido uma boa relação com as mais velhas, que tinham uma ação para com ela de “passar o bastão”, o que se concretizava muitas vezes através da indicação para representá-las em alguns eventos, o que não deixou de causar estranhamento, principalmente em espaços onde a jovem não era conhecida, pois “em geral, quando você vai lá, num evento, num congresso, estão todas lá, aquelas feministas consagradas, em geral, mais velhas, catedráticas, é difícil você vê uma jovem numa mesa dessas”.

Para melhor compreender o lugar diferente ocupado por essa jovem, talvez seja interessante reconstituir seu percurso até o feminismo. É a mais velha das entrevistadas, 28 anos, se aproximou do feminismo através de uma consultoria para um projeto de uma organização não governamental feminista voltado para jovens, quando já era militante no campo dos direitos humanos e formada em Direito. Ou seja, o primeiro contato dela com o movimento e com as feministas mais velhas foi a partir de uma relação profissional.

Por outro lado, a mesma jovem lembra também que:

*“A gente vê muitas jovens feministas que se sentem usadas pelas feministas mais velhas. Como é que o feminismo usa a juventude, né? Às vezes dão pra gente sempre o mesmo papel. ‘Ah! Elas são jovens, então bota elas pra puxar uma passeata, elas são mais animadas, bota elas lá na frente, elas vão batendo panela.’ Sempre aquelas coisas que elas já estão cansadas de fazer.”*

A quarta entrevistada, que se identifica como jovem feminista negra, considera importante a afirmação identitária, mas acredita que, às vezes, as jovens exageram nas críticas, desqualificando conceitos, lutas e conquistas que as feministas adultas construíram, o que em alguns casos acaba inviabilizando o diálogo intergeracional. Por outro lado, sinaliza as dificuldades apresentadas também da parte das feministas adultas, que até se propõem a conversar com uma jovem, “desde que seja a fulana”, ou seja, uma jovem que elas escolheram.

Com forte referência nas culturas africanas, ela também traz para discussão a dimensão do respeito aos mais velhos, do seu lugar de saber, o que é muito valorizado nessas culturas e oferece outros contornos às discussões geracionais. O que, entretanto, não a impede de perceber as dificuldades das jovens em se afirmar no movimento, que muitas vezes precisam mos-

trar a que veio para ter o mínimo de credibilidade para assumir alguns lugares, de preferência aqueles permitidos pelas lideranças adultas do movimento. Por exemplo, uma jovem pode ser considerada muito nova para ocupar uma determinada posição dentro do movimento, mas em outros espaços, em que é valorizada a participação juvenil, a mesma jovem se torna boa o suficiente para representar o movimento.

Um aspecto da luta das jovens feministas que essa entrevistada afirma valorizar é o fato delas assumirem algumas questões que as organizações das feministas adultas não deram a devida importância, citando como exemplo o turismo sexual, que afeta diretamente o segmento juvenil. Por outro lado, segundo ela, há “uma apropriação dessas organizações do tema de juventude sem nenhum debate”, o que mais uma vez indica uma relação conveniente por parte das adultas.

Por fim, um aspecto observado ao longo da pesquisa é a raridade de encontros que promovam um diálogo mais permanente e amistoso entre jovens e adultas dentro do movimento. Nos espaços gerais muitas vezes se tem a impressão de que apesar desses segmentos se falarem, pouco se escutam.

O número de jovens entrevistadas é muito pequeno e o período observado muito breve para poder dizer que as impressões aqui registradas representam todo o universo das jovens feministas do Rio de Janeiro. Mas, possivelmente, essas permitem refletir e iniciar um panorama de como estão se dando as relações intergeracionais no feminismo, a dimensão que isso tem para a permanência dessas militantes e a continuidade de um movimento que já avançou muito, mas que ainda tem várias outras conquistas a serem feitas e efetivadas no cotidiano das mulheres do mundo ♦

## Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Helena Wendel e LÉON, Oscar Dávila. Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Juventude e Contemporaneidade. Brasília : Unesco, MEC, ANPEd, 2007.
- ARAÚJO, Clara. Construindo novas estratégias, buscando novos espaços políticos – as mulheres e as demandas por presença. In: PUPPIN, Andréa e MURARO, Rose Marie. Mulher, gênero e sociedade. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2001.
- BIONDI, Liz. Focalizar as Políticas de Identidade. In: Cidadania e Feminismo. São Paulo: sem editora, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTRO, Mary Garcia. Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. In: NOVAES, Regina e VANNUCCHI, Paulo (orgs.). Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- DAYRELL, Juarez e CARRANO, Paulo César. Jovens no Brasil: difíceis travessias

de fim de século e promessas de um outro mundo. UFF: Observatório Jovem do Rio de Janeiro, Internet: [http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=20&Itemid=32](http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=20&Itemid=32), 11/09/06.

FERNANDES, Nelito e GRANATO, Alice. Mulherada de respeito. Internet: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT1106781-1661,00.html>, 28/12/07.

MELUCCI, Alberto. A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. O Jogo do Eu. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

PINTO, Céli Regina. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PORTELLA, Ana Paula e GOUVEIA, Taciana. Idéias e dinâmicas para trabalhar com gênero. Recife: SOS Corpo, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2005.

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. In: Revista Estudos Feministas, v. 13, n. 3, 2005.

SOUZA, Patrícia Lânes Araújo de. Em busca da auto-estima: interseções entre gênero, raça e classe na trajetória do grupo Melanina. Dissertação de Mestrado. Orientação: Regina Reyes Novaes. PPGSA/ IFCS/ UFRJ, 2006.

## Página eletrônica consultada:

10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe. Internet: [www.10feminista.org.br](http://www.10feminista.org.br), 10/09/2006.

1 Esse constitui-se como número relevante uma vez que houve pouco apoio financeiro para a realização do encontro, que foi adiado várias vezes, e as próprias jovens tiveram que arcar com suas despesas de transporte.

2 Consultar <http://www.juventude.gov.br/>

3 Um exemplo são os resultados da Pesquisa GRAVAD (Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil) realizado por: Programa em Gênero, Sexualidade e Saúde do IMS/UERJ, Programa de Estudos em Gênero e Saúde do ISC/UFBA e Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde da UFRGS.

4 Comparando o I Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2004) com o II Plano (2008), fica evidente o quanto o enfrentamento das desigualdades geracionais ganhou destaque nos últimos anos. Praticamente inexistente no primeiro documento, aparece como um capítulo específico no segundo e várias referências nele como um todo.